

A poesia de Hölderlin e o habitar poético, em Heidegger

Larissa Sousa Fernandes¹

Resumo:

O encontro com a obra de Hölderlin abre para Heidegger um caminho para um pensamento radical acerca do ser, onde o poeta aparece enquanto pensador, subtraindo a ideia normalmente incutida de que o pensador é aquele que se ocupa exclusivamente da filosofia. Heidegger aponta que os primeiros pensadores foram os poetas, tendo em vista também que a poesia é a primeira manifestação linguística de um povo histórico. Desse modo, Hölderlin é colocado no mesmo patamar dos grandes poetas, pois sua poesia instaura a verdade do ente, nomeando de modo inaugural pela palavra poética.

Palavras-chave: Poesia; Hölderlin; Heidegger.

Em *Hinos de Hölderlin (Hölderlins Hymnen)*, conferência proferida no semestre de Inverno de 1934/35, Heidegger faz menção a este poeta como “o poeta do poeta”². O encontro com a obra de Hölderlin para Heidegger é o descerrar de um caminho para o pensamento arraigado no sentido do ser, onde o pensamento não é mais exclusivo da filosofia, mas, sobretudo, é essencialmente poético.

Heidegger elege Hölderlin para esclarecer, mediante não uma análise ou crítica, mas pelo deixar ver a obra deste poeta, a essência da poesia. Mas por que, dentre tantos outros poetas, Hölderlin é o escolhido? Quem é Hölderlin? A esta pergunta, responde Heidegger:

A seu tempo, e, respectivamente, no lugar indicado encontraremos o ser-aí do poeta, a saber, directamente no esplêndido tesouro das suas cartas, esse ser-aí sem cargo, sem casa e sem lar, sem sucesso e sem fama, isto é, aquela soma de mal-entendidos que se apinham à volta de um nome; aos 35 anos 'doente mental', como se diz: *dementia praecox* catatónica, como conclui a astuta medicina. Para além disso, teremos de levar em conta que o próprio poeta nunca publicou as suas verdadeiras e maiores poesias. Temos de lidar com o facto de que os alemães precisaram de nem mais nem menos que 100 anos até que a obra de Hölderlin estivesse perante nós, naquela forma que nos obriga a admitir que, ainda hoje, não estamos de maneira nenhuma à altura da sua grandeza e do seu poder futuro³.

Hölderlin, assim como Heidegger, parte em busca de um retorno ao ideal grego, como um meio de recuperar a magnificência da Grécia clássica, do modo de instauração da verdade do ser neste momento da história do pensamento, quando se inicia um caminho em busca de um equilíbrio entre *páthos* e sobriedade, caminho que

¹ Mestra em filosofia pela Universidade Federal da Paraíba; Graduada em filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba; Professora de filosofia da Universidade Federal de Campina Grande, campus Sousa.

² Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesia, p.38; *Hinos de Hölderlin*, p.37.

³ Heidegger, M. *Hinos de Hölderlin*, p.14.

perdeu-se em seu objetivo, culminando numa intensificação do *páthos* em detrimento da sobriedade.⁴

O equilíbrio buscado pelos gregos teria justamente abafado esse *páthos* [...]. A oposição definida por Hölderlin está no fato de que o nosso percurso deveria ser inverso ao dos gregos: enquanto estes partiam do *páthos* para a sobriedade (a virtude está no meio...), nós começamos pela sobriedade e chegamos a esse *páthos*.⁵

Encontrar onde exatamente este caminho se desvirtuou, seria a tarefa do pensamento neste momento histórico. Mesmo sabendo que nas obras de outros grandes poetas também estaria firmada a essência de toda poesia, Heidegger decidiu pela “criação prematura e bruscamente interrompida de Hölderlin”⁶. Compreender a essência da poesia pela obra de Hölderlin é tentar aproximar-se desta deixando que ela fale por si. Isto requer uma aproximação na qual não haja violência, para que o pensamento poético se mostre através da poesia mesma.

A poesia de Hölderlin abre o caminho que Heidegger necessita para desenvolver um pensamento que se retira da descrição arraigada à linearidade tradicional e cresce na linguagem poética, entrelaçando-se à filosofia, numa busca de reaver a origem essencial das coisas.

A poesia, portanto, passa a se constituir a partir da tarefa do pensamento, onde o poeta se estabelece, nesta perspectiva, como pensador, tendo em vista que ela, como forma mais primitiva de linguagem, é expressão de um povo histórico⁷. Pensar é

⁴ Benedito Nunes relaciona este fenômeno ao que Nietzsche anuncia em o *Nascimento da tragédia*, onde ao *páthos* se associa o Dionisíaco, a embriaguez como uma força “instintiva” que impulsiona o coro na tragédia, e a sobriedade ao apolíneo, o elemento racional e harmônico que, quando impulsionado pelo socratismo, desvirtua o equilíbrio dos dois elementos, a partir da supervalorização da forma que suprime o descerrar espontâneo do elemento dionisíaco: “O antigo, para o poeta, era a antiguidade grega, com a qual, de imediato, não podemos nos identificar, oposta que é a nós. [...] O poeta procura o recolhimento quando emigra para a Alemanha, devido à decepção com a impossibilidade de renovar os gregos, voltando depois à tentativa de recuperar a tranquilidade desse povo, cujo ideal era contrário à sua própria origem: origem do *páthos* sagrado, tudo que os mitos relatam. [...] O equilíbrio buscado pelos gregos teria justamente abafado esse *páthos* (éticas de Platão e Aristóteles, etc...). A oposição definida por Hölderlin está no fato de que o nosso percurso deveria ser inverso ao dos gregos: enquanto estes partiam do *páthos* para a sobriedade (a virtude está no meio...), nós começamos pela sobriedade e chegamos a esse *páthos*. Nessa oposição, há uma linha quase nítida desenhando o apolíneo e o dionisíaco, o elemento mais primitivo, apontado por Nietzsche mais tarde em *A origem da tragédia*, uma junção feita na própria formação dos gregos” (Cf. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*, pp. 122 – 123).

⁵ Nunes, B. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*, p.123.

⁶ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesía, p.38.

⁷ Ramos (2005) ressalta que o primeiro filósofo a atentar para a questão acerca da poesia enquanto primeira expressão de um povo histórico, foi o filósofo italiano Giambattista Vico (1668-1744). Assim como Heidegger, Vico enaltecia o caráter de pensadores destes primeiros poetas. Em sua obra *A ciência nova* (*Scienza Nuova - 1744*), o filósofo afirma: “Assim, pois, a sabedoria poética, que foi a primeira sabedoria da gentildade, teve de começar por uma metafísica, não raciocinada e abstrata, como a de agora, dos doutos, mas sentida e imaginada como deve ter sido pelos primeiros homens...” (1999, p.153).

propriamente deixar ser. Pensar poeticamente é estabelecer um entendimento entre pensamento e poesia, que permite o acesso à essência da linguagem como o que concede ao homem sua morada.

O pensar consoma a relação do ser com a essência do homem. O pensar não produz nem efetua essa relação. Ele apenas oferece-a ao ser, como aquilo que a ele próprio foi confiado pelo ser. Esta oferta consiste no fato de, no pensar, o ser ter acesso à linguagem. **A linguagem é a casa do ser.** Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam à linguagem e nela a conservam⁸.

Deixar que a poesia de Hölderlin apareça no seu estar a ser é afastar desta um pensamento descritivo e conceitual, sendo este último uma forma comum que a filosofia encontra em sua fundamentação. A proposta de Heidegger, no entanto, é pensar a poesia, isto é, pensar poeticamente, como um poetizar a filosofia:

Talvez se possa falar da poesia *poeticamente*, o que, todavia, não quer dizer em versos e rimas. Por conseguinte, falar de poesia não tem de ser forçosamente um ocioso falar 'em torno de' e 'sobre' poemas. Mais difícil e suspeito é, porém, outra coisa: que, agora, a filosofia se lance sobre uma obra poética. Afinal, o escudo e a arma da filosofia é – ou ao menos devia ser – a fria audácia do conceito [...] Existe o perigo de decompor a obra poética em conceitos, de vasculharmos um poema apenas em busca de opiniões filosóficas do poeta e de teoremas, de, a partir daí, construirmos o sistema filosófico de Hölderlin e de, a partir dele, 'explicarmos' a poesia, de acordo com o que costuma ser designado por explicação. Queremos poupar-nos a tal modo de proceder, não por pensarmos que a filosofia tenha de ser mantida afastada da poesia de Hölderlin, mas porque aquele processo amplamente utilizado nada tem a ver com filosofia⁹.

Heidegger critica a “análise” poética, isto é, a dissecação “ociosa” da poesia com o intuito de acessá-la pelo “prazer estético”. Para ele, quando se fala em poesia, deve-se fazê-lo poeticamente, isto é, deixando que a poesia fale por si. Eis o modo como a filosofia deve se colocar diante da poesia.

Dessa forma, os poetas, e em especial Hölderlin, levantam questões reflexivas, trazendo pela linguagem poética um pensamento, uma fundação. No entanto, diferentemente da filosofia, tais reflexões não visam uma explicação no sentido de articulação de conceitos. Pela sua forma singular de linguagem, a poesia traz em si o próprio desvelamento. Portanto, Heidegger compreende o pensamento não exatamente como filosofia. Para ele, a filosofia é formulada de modo mais complexo que o pensamento, entretanto, este último se converte em tarefa indiscutivelmente mais árdua que a filosofia, tendo em vista o modo como surge, como afirmou o filósofo em entrevista: “O pensamento é, fundamentalmente, em sua relação com a metafísica,

⁸ Heidegger, M. Carta sobre o humanismo, p. 149 (Grifo nosso).

⁹ Heidegger, M. *Hinos de Hölderlin*, p.13.

muito mais simples que a filosofia, mas em razão de sua simplicidade, muito mais difícil de realizar”¹⁰.

O encontro com Hölderlin não se dá como uma adequação de sua poesia ao pensamento filosófico heideggeriano, mas, por outro lado, consiste num diálogo aberto, onde “o pensador também poderá estar em contato direto com o poeta, bem como este com aquele, e algo de autêntico poderá vir à luz, ou até mesmo se ocultar, mas sempre de modo verdadeiro”¹¹.

Ao enaltecer Hölderlin, colocando-o como um dos maiores pensadores germânicos (vale salientar que Hölderlin é considerado por muitos como sendo “o Homero alemão”), Heidegger deixa claro o porquê de sua escolha. A obra deste poeta-pensador, segundo o filósofo, traz à tona o desvelamento do ser, mediante a experiência poética, uma experiência liberta de conceitos caducos, bem como de tradições muitas vezes equivocadas. Dubois afirma que “não se trata da quantidade de textos, mas de um encontro com a singularidade da poesia de Hölderlin que transforma radicalmente o pensamento de Heidegger, conferindo-lhe seu oriente”.¹²

Pela poesia, o poeta experimenta uma liberdade radical do pensamento, onde se reúnem “o ser-aí histórico, a urgência de criar e o destino da obra”¹³. A poesia não se dissocia do pensamento, mas é o início do pensar propriamente dito. Sendo assim, afirma o filósofo na conferência *Hölderlin e a essência da poesia*, a obra deste poeta “[...] está sustentada no destino e na determinação poética de poetizar propriamente a essência da poesia”¹⁴, podendo-se afirmar nesse sentido que Hölderlin é “o poeta dos poetas”¹⁵. O que resta saber é o modo como Heidegger irá ao encontro da essência de toda poesia a partir da obra de Hölderlin.

Em primeiro lugar, o filósofo esclarece que isto não se concretizará mediante uma análise de toda a obra deste poeta, mas, no entanto, a partir de uma compreensão de algumas passagens de sua obra. Seu modo de alcançar tal objetivo se dará tratando, na referida conferência, de cinco fragmentos, nos quais Hölderlin, afirma, “poetiza a poesia” e onde esta última se mostra no seu estar-em-si como o próprio desvelamento na

¹⁰ “Entrevista concedida por Martin Heidegger ao Professor Richard Wisser” In: O que nos faz pensar, p. 17.

¹¹ Werle, Marco Aurélio. *Pensamento e poesia em Hölderlin e Heidegger*, p.14.

¹² Dubois, C. *Arte, poesia e verdade*, p.177.

¹³ Heidegger, M. *Hinos de Hölderlin*, p.14.

¹⁴ Heidegger, M. *Hölderlin y la esencia de la poesía*, p.38.

¹⁵ Heidegger, M. *Hölderlin y la esencia de la poesía*, p.38.

e pela palavra.

O primeiro fragmento encontra-se em uma carta de Hölderlin escrita à sua mãe, em janeiro de 1799, onde afirma que a poesia “é a mais inocente de todas as ocupações” (III, 377)¹⁶. Ao tratar a poesia deste modo, assevera Heidegger, é como se Hölderlin a vislumbra-se mediante a figura do jogo, do mundo inventado, que em nada se conecta com o mundo ‘real’. Falar da poesia como algo inocente, parece um modo de pensá-la como um dizer ingênuo e ineficaz, que nada tem a ver com as decisões que se põem diante no mundo. É como se esta atividade não interferisse em nenhuma transformação, já que não passa de um “jogo” de palavras, sem efetivamente trazer em si um sentido que contribua com algum propósito.

Hölderlin, como poeta e pensador, estabelece pela poesia o pensamento acerca do ser, desvelando-o. Sua obra poética faz ver o mundo, projetando aqueles que se põem diante dela para uma compreensão profunda no seu pertencimento ao mundo, no seu estar no mundo. Tal poesia não pode ser concebida apenas como um mero jogo, como afirma em carta a seu irmão:

ela [a poesia] foi considerada um jogo, porque aparece na figura modesta do jogo, e, assim, como é razoável, não podia decorrer dela nenhum outro efeito que não o do jogo, a saber, a distração, o que é quase exactamente o contrário do seu efeito, onde ela existe na sua verdadeira natureza. É que, então, o Homem recolhe-se junto a ela e ela dá-lhe calma, não a calma vazia, mas sim a calma viva, onde todas as forças estão em actividade e só por causa da sua harmonia íntima não são reconhecidas como activas. Ela aproxima os homens e reúne-os, mas não como o jogo, onde só estão reunidos porque cada um se esquece de si mesmo e não vem à superfície a peculiaridade viva de cada um deles¹⁷.

Portanto, pode-se observar que o poeta não admite tal modo de se conceber poesia. Apesar de *parecer* muitas vezes um jogo, esta é mais que isso. O que reúne os homens pela poesia ultrapassa aquela união do jogo, que traz apenas uma unidade superficial, provocada única e exclusivamente pela distração. Compreendendo a poesia desta maneira, percebe-se que ainda há um longo caminho para se chegar à sua essência. O próximo passo é buscá-la onde e a partir de que esta se constitui, a saber, na linguagem. Sobre esta, no segundo fragmento, Hölderlin afirma: “é o mais perigoso de todos os bens”¹⁸.

Se a poesia é “a mais inocente de todas as ocupações” e a linguagem, o “mais perigoso de todos os bens”, estão obviamente interligadas. Mas, como se dá esta

¹⁶ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesía, p.39.

¹⁷ Heidegger, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Lisboa: Piaget, 2004, p. 14-15.

¹⁸ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesía, p. 40.

relação? Assim, põe-se em suspenso as primeiras impressões desta “inocente ocupação”, cedendo lugar àquilo que lhe confere a forma, o que a faz concretizar-se, isto é, a linguagem. Cabe agora buscar compreender o porquê de a linguagem ser um “bem” do ser humano para posteriormente voltar-se à questão inicial. Tal afirmação acerca da linguagem aparece em um fragmento de um de seus esboços, datado de 1800:

Mas o homem habita em cabanas e usa roupas recatadas, pois é mais íntimo e também mais cuidadoso, e sua ideia é que deve preservar o espírito, como a sacerdotisa, a chama sagrada. E por isso lhe foi dado o livre arbítrio e a superioridade para comandar e executar o que é análogo aos deuses; **por isso foi dado ao homem o mais perigoso de todos os bens, a linguagem**, para que criando, destruindo e sucumbindo e regressando à eterna mãe e mestra, para que se mostre como é, que tem herdado e aprendido dela o que tem de mais divino, o amor que tudo sustenta¹⁹.

Com tal afirmação, Hölderlin distingue o ser humano dos outros animais. Ao fazer tal diferenciação, o poeta expõe a proximidade destes primeiros com os deuses, revelando assim seu destino, que ao receber como “dom”, ou melhor, como herança dos deuses, o “mais perigoso de todos os bens”, se converte naquele que possui como determinação anunciar esses deuses, se estabelecendo na terra como guardiões.

No entanto, vale ressaltar que isso não significa que o homem seja o portador ou possuidor da linguagem. Na verdade, o que ocorre é o contrário disto, pois “não somos nós quem possuímos a linguagem, é a linguagem que nos possui a nós...”²⁰, ou seja, a linguagem não é um atributo humano, uma forma que o homem encontra para se expressar, como ironicamente diz Heidegger referindo-se àqueles que a tomam como tal: “Até os cães se exprimem”²¹.

O filósofo alemão, atenta para a linguagem como aquilo que torna o homem, homem: “A capacidade de falar distingue e marca o homem como homem. Essa insígnia contém o desígnio de sua essência.”²². A fala de Hölderlin assegura esta constatação. O homem só é, por que é dotado de linguagem, que o torna capaz de fundamentar um pensamento acerca de si, e, assim compreendido, “é aquele que dá testemunho de sua existência”²³. Tal testemunho, é testemunho de pertença à terra. É sua consolidação como ser histórico instaurado na e pela linguagem.

O homem funda sua existência histórica pela linguagem. Isso é possível pois a

¹⁹ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesía, p.40 (Grifo nosso).

²⁰ Heidegger, M. *Hinos de Hölderlin*. Lisboa: Piaget, 2004, p.31.

²¹ Zimmerman, M. E. Hölderlin e o poder salvador da arte, p.188.

²² Heidegger, M. *A caminho da linguagem*, p.191.

²³ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesía, p. 40.

linguagem possui o homem para que este exerça a “[...] tarefa de manifestar e preservar o ente enquanto tal em sua atividade”²⁴. Por pertencer ao mundo, este lhe é familiar, íntimo. O homem é testemunha da história por estabelecer sua conexão com o mundo pela linguagem, seu maior bem, como afirma Heidegger, “para que a história seja possível, é necessário que ao homem seja dada a linguagem. A linguagem é um bem do homem”²⁵.

Nesta perspectiva, o que une os homens, é o modo mais originário de sua linguagem, da essência de suas palavras, que manifesta sua existência como pertença à terra e consolidação no mundo histórico. Para tanto, é preciso estar no aberto do ser para que, de modo espontâneo, aconteça o “brotar”²⁶ da palavra:

As palavras não estão de modo algum presentes pelo fato de serem simplesmente sugeridas por alguém que quer introduzi-las. Elas introduzem a si mesmas, ou, como Hölderlin disse de maneira tão bela, as “palavras surgem como flores”. Elas possuem uma familiaridade e uma obviedade próprias que faz com que evoquem algo como nomes²⁷.

Ao homem, é dada a responsabilidade de resguardar o ente enquanto tal. No entanto, muitas vezes tal objetivo perde-se no caminho, quando a palavra é tomada de modo confuso e vulgar. O que a linguagem cotidiana fala, deveria ser o modo mais essencial de linguagem, no entanto, não passa de uma desfiguração desta, onde, concentrado no falar, que acaba sendo reconhecido como “mera emissão sonora da interioridade humana”²⁸, subtrai a linguagem exclusivamente à fala. A linguagem, apesar disso, *também* é fala, mas num sentido mais originário.

O falar que muitas vezes expõe a linguagem de modo inessencial, encobre a simplicidade do verdadeiro sentido das palavras. No entanto, assevera Heidegger, a linguagem ultrapassa a ideia de signo, enquanto aquilo que faz estabelecer uma relação dialógica, como o que dá acesso ao entendimento. Tais características, afirma o filósofo, são uma “consequência de sua essência”.

O erigir do mundo é histórico, ou seja, o mundo se estabelece como tal a partir da fundação histórica. A linguagem se configura originariamente como um bem por que garante ao homem sua “morada” enquanto ser histórico. Ela estabelece o homem como ser histórico, como ser-no-mundo, pois só há mundo onde há história, assim como só há

²⁴ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesía, p.41.

²⁵ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesía, p.41.

²⁶ O uso do termo 'brotar' se refere à fala de Hölderlin “Palavras surgem como flores”, tomando por analogia o brotar da palavra no aberto do mundo como o despontar espontâneo da flor.

²⁷ Gadamer, H.-G. *Hermenêutica em retrospectiva: Heidegger em retrospectiva*, p. 119.

²⁸ Heidegger, M. *A caminho da linguagem*, p. 24.

história onde há linguagem:

Apenas onde há mundo, há história. A linguagem é um bem em sentido mais originário. É o bem que serve como garantia de que o homem pode ser histórico. A linguagem não é uma ferramenta de que se possa dispor, senão este acontecimento de apropriação [*Ereignis*] que dispõe da mais alta possibilidade de ser homem²⁹.

No terceiro fragmento, retirado do esboço de um poema que tem por começo a sentença “Conciliador, tu que nunca acreditastes...”^{30 31}, Hölderlin diz:

O homem têm experimentado muito
Nomeado muitos seres celestiais
desde que somos um diálogo³²
e podemos ouvir uns aos outros” (IV, 343)³³

Heidegger pretende expor, com este terceiro fragmento, o papel primordial do diálogo na linguagem, visto que, para que haja diálogo, precisa-se de um que ouça e outro que fale. Dessa forma, o filósofo chama a atenção para esses elementos interdependentes, enfatizando que “a linguagem só é essencial precisamente enquanto diálogo”³⁴. Hölderlin expõe no trecho do poema acima citado, que a partir do ouvir, ou seja, pelo ato de escutar uns aos outros, é que se instaurou o “nomear”. Dessa forma, este poeta compreende que a escuta é anterior à fala.

Nesta perspectiva, o discurso é constitutivo da compreensão, que por sua vez se dá a partir da possibilidade de ser dos entes que vêm ao encontro no mundo. Discursar é correlacionar-se com a compreensão pela fala e, principalmente pela escuta: “Não é por acaso que dizemos que não 'compreendemos' quando não escutamos 'bem'. A escuta é constitutiva do discurso”³⁵.

Escutar é um relacionar-se, no sentido de ser “articulado em compreensões com os outros”³⁶, e um obedecer, enquanto escutar recíproco, pois é confirmação de sua coexistência com aqueles que possuem o seu mesmo modo de ser. A escuta, no entanto, deve se dar como um ouvir, isto é, enquanto “uma escuta compreensiva” que se constitui através do silenciar que busca elaborar a compreensão. “Falar muito sobre alguma coisa não assegura em nada uma compreensão maior. Ao contrário, os discursos prolixos encobrem e emprestam ao que se compreendeu uma clareza aparente, ou seja, a

²⁹ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesia, p. 42.

³⁰ “Versöhnender, der du nimmergeglaubt...” / “Conciliador, tú que nunca has creído...”

³¹ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesia, p.43.

³² *Gespräch*.

³³ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesia, p.43.

³⁴ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesia, p.43.

³⁵ Heidegger, M. *Ser e Tempo*, p. 222.

³⁶ Heidegger, M. *Ser e Tempo*, p. 222.

incompreensão da trivialidade”³⁷.

Em *Hölderlin e a essência da poesia*, Heidegger afirma que a fala é uma consequência da escuta, e que a possibilidade do escutar orienta o ato de falar, pois se o ser humano é originariamente um diálogo, implica que este pode ouvir e falar entre si.

Poder ouvir não é o resultado do dialogar uns com os outros, mas o contrário deste pressuposto que o torna possível. Acontece que também o fato de poder ouvir se encontra já em si mesmo orientado pela possibilidade da palavra e tem necessidade dela. Poder dialogar e poder ouvir são igualmente originários³⁸.

Apesar disso, salienta o filósofo, o homem também é *um* diálogo. O diálogo estabelece uma união, pois, a partir dele, os homens são reunidos, tornando-se unos e eles mesmos. O diálogo, ao consolidar esta união, consolida também o existir humano, isto é, a linguagem enquanto diálogo porta a existência. “O diálogo e sua unidade são o que sustenta nosso existir”³⁹.

O diálogo se mostra como portador e guardião da existência humana, levando a entender que não é do mero diálogo enquanto troca de informações entre duas pessoas que Hölderlin e Heidegger estão tratando. Todavia, estes pensadores enunciam um diálogo essencial, que trata de uma escuta ao ser. Quando Hölderlin fala no diálogo, ele o faz condicionando-o ao ato do ser humano experienciar, pela escuta, o mundo “desde que” ele se concretizou enquanto diálogo.

Desse modo, Heidegger irá questionar 'desde quando' o homem é diálogo, isto é, encontrar um possível “começo”. No entanto, logo o filósofo conclui que “somos um diálogo desde o tempo que 'o tempo é'. Desde que o tempo surgiu e se tornou estável, somos históricos. Ser um diálogo e ser histórico são igualmente antigos, pertencem um ao outro e são o mesmo”⁴⁰.

A linguagem aparece no mesmo instante que aparece história. Uma se funda na outra e ambas são inseparáveis e indissociáveis. A permanência dos deuses, o advento da linguagem, o surgir do mundo são simultâneos. Esta é a unidade essencial que se deixa mostrar pela linguagem. “E isto é tão verdade que é precisamente no nomear os deuses, em tornar palavra o mundo, que consiste o autêntico diálogo que nós mesmos somos”⁴¹.

³⁷ Heidegger, M. *Ser e Tempo*, pp. 223 – 224.

³⁸ Heidegger, M. *Hölderlin y la esencia de la poesía*, p. 43.

³⁹ Heidegger, M. *Hölderlin y la esencia de la poesía*, p. 44.

⁴⁰ Heidegger, M. *Hölderlin y la esencia de la poesía*, p.44.

⁴¹ Heidegger, M. *Hölderlin y la esencia de la poesía*, p.44.

Os deuses invocam os mortais, e, neste chamado, estes últimos devem ser submissos para ouvi-lo. A partir desta escuta, a palavra essencial surge pela linguagem, como resposta à interpelação. E é neste exato momento que a decisão de atender o chamado dos deuses ou recusá-lo é feita. É em consequência desta escuta que a própria existência tornar-se-á visível pela linguagem: “É somente quando os deuses conduzem nosso existir à linguagem, quando podemos penetrar no âmbito no qual se decide se nos comprometemos com os deuses ou nos negamos a eles”⁴².

O diálogo se inicia com a escuta aos deuses e estes, por sua vez, fundamentam a existência humana a partir da concretização da palavra que desvela o ente na totalidade. O advento dos deuses e o emergir do tempo se confundem e se tornam um só. Agora cabe compreender em que momento, ou melhor, qual o instante no qual o diálogo se estabelece; este diálogo “que somos nós”. Resta compreender como se concretiza o nomear dos deuses.

No quarto fragmento, extraído do poema *Memória*, Hölderlin afirma: “Mas o que permanece fundam os poetas”⁴³. O que permanece é fundado pela palavra poética, isto é, a poesia aparece como fundamento, como o que inaugura, instaura.

Aquilo que permanece é o que está aí, o que está “sempre presente”, o que leva Heidegger a questionar se há a possibilidade de fundar aquilo que já está dado. No entanto, é justamente na luta contra este pré-estabelecido que o dizer poético se coloca. A poesia é dito fundador porque não admite o que está previamente consolidado, mas busca, mediante a despretensiosidade deste permanente, ouvir seu apelo e, por esta escuta, consolidar o que permanece pela palavra. Eis o que Heidegger compreende como sendo a essência da poesia: fundação pela e na palavra. A poesia funda pela palavra a totalidade do ente, quando se coloca no aberto do ser, deixando que o ente seja ente:

poesia é fundação mediante a palavra e na palavra. Que é o que aqui se funda? O que permanece. Com isto se quer dizer que é possível fundar o que permanece? Por acaso não é o que está aí, sempre presente? Não! Precisamente têm-se que lutar contra a força que arrasta o que permanece e ser capaz de detê-lo e torná-lo estável. Há que lhe arrancar da confusão, a simplicidade, antepor a medida, ao desmesurado. Isto é o que sustenta o ente na totalidade, o patenteia e o leva ao aberto. O ser deve abrir-se para que o ente apareça⁴⁴.

A linguagem essencializa-se na medida em que se torna um enunciar autêntico,

⁴² Heidegger, M. *Hölderlin y la esencia de la poesía*, p.45.

⁴³ Heidegger, M. *Hölderlin y la esencia de la poesía*, p.45.

⁴⁴ Heidegger, M. *Hölderlin y la esencia de la poesía*, p.45.

isto é, quando está na dimensão da poesia: “Dizer genuinamente é dizer de tal maneira que a plenitude do dizer, própria ao dito, é por sua vez inaugural. O que se diz genuinamente é o poema”⁴⁵. Poetizar, nesta perspectiva, é um nomear que confere ao ente seu modo mais originário.

Os poetas, nesse sentido, são os guardiões que anunciam a permanência dos deuses, pois os nomeiam. A permanência é “confiada ao cuidado e serviço daqueles que fazem poesia”⁴⁶. O nomear do poeta é nomear inaugural, instaurador, que, longe de ser a atribuição de um nome a algo já conhecido, nomeia, ao contrário, pela primeira vez o ente, inaugurando o mundo pela linguagem. A poesia é uma resposta à evocação dos deuses que reclamam o seu nome.

Nomear é evocar para a palavra. Nomear evoca. Nomear aproxima o que se evoca. Mas essa aproximação não cria o que se evoca no intuito de firmá-lo e submetê-lo ao âmbito imediato das coisas vigentes. A evocação convoca. Desse modo, traz para uma proximidade a vigência do que antes não havia sido convocado. Convocando, a evocação já provocou o que se evoca. Provocou em que sentido? No sentido da distância onde o evocado se recolhe como ausência [...] Evocar é sempre provocar e invocar, provocar a vigência e invocar a ausência⁴⁷.

Nomear o que permanece é para quem os poetas foram destinados. Estes, como os primeiros homens⁴⁸ devem escutar o apelo silencioso dos deuses, “ouvindo” este silêncio e, entregando-se à atividade do poetar, fundar sua morada histórica na terra. Na poesia, o ser aparece pela palavra, no compor.

No quinto e último fragmento escolhido por Heidegger, assim fala Hölderlin:

“Pleno de mérito, mas poeticamente, habita
o homem sobre a terra”⁴⁹.

Por mais que o ser humano exerça seu aparente “domínio” sobre a natureza, isto não o qualifica como humano, pois tal acesso é ordinário. Seu habitar no mundo, sua existência como tal se dá na forma de poesia. O homem mora poeticamente porque se firma no solo da palavra. Palavra esta que nomeia os deuses e faz surgir a essência das coisas e acerca-se delas. Logo, fica claro o caráter essencial da poesia, que, longe de ser uma mera manifestação cultural e artística, aparece como determinante para a compreensão da essência da linguagem. “Em sua essência, a linguagem não é expressão

⁴⁵ Heidegger, M. *A caminho da linguagem*, p.12.

⁴⁶ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesía, p. 46.

⁴⁷ Heidegger, M. *A caminho da linguagem*, p. 15-16.

⁴⁸ “primeiros homens” é uma reverência a civilização grega, de onde nasceram os primeiros poetas, aqueles que se projetaram para a escuta, isto é, que *auscultaram* o chamado dos deuses.

⁴⁹ Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesía, p. 47.

nem atividade do homem. A linguagem fala. O que buscamos no poema é o falar da linguagem. O que procuramos se encontra, portanto, na poética do que se diz”⁵⁰.

Habitar poeticamente é estar no domínio da linguagem que, segundo Heidegger, é a “casa do ser”. Pensar é propriamente deixar ser. Estabelecer a conexão entre pensamento e poesia é recuperar a própria essência do pensar, pois “na interpretação técnica do pensar, é abandonado o ser como o elemento do pensar”⁵¹.

A palavra poética reúne os homens por que ela deixa surgir a sua própria constituição ontológica. Muito diferente, portanto, da união provocada pelo jogo, em que cada um deles está ali, não como *um*, como unidade, mas cada qual está por si próprio. A unidade que a poesia alcança é aquela onde todos são existentes, e como tal, participam igualmente deste existir.

A poesia é firme instauração do ser do ente, mesmo “disfarçada” com o manto da fantasia e do sonho, pois ambos, a inocência e o perigo, participam de sua essência. “[...] é como se a poesia hesitasse em sua aparência externa, quando, na verdade, está solidamente ancorada. Afinal de contas, ela mesma, é, em sua essência, a saber, sólida fundação”⁵².

Habitar não é o mesmo que possuir uma residência. “Habitar é deixar-habitar, e, entendida como deixar-habitar, poesia é um construir”⁵³. Tal construção é firmada a partir do criar, enquanto o inaugurar de algo inteiramente novo pelo dito poético. O dito poético abre, faz surgir um mundo histórico, que por sua vez, está abrigado na terra.

Habitar poeticamente é habitar na terra, e não um subtrair-se dela, como o pensa os que traduzem a poesia como uma expressão da interioridade subjetiva do poeta como um meio de fuga da realidade e imersão num mundo paralelo. “A poesia não sobrevoa e nem se eleva sobre a terra a fim de abandoná-la e pairar sobre ela. É a poesia que traz o homem para a terra, para ela, e assim o traz para um habitar”⁵⁴. Os grandes poetas surgem em momentos decisivos da história, trazendo à lembrança os tempos dos primeiros poetas, e relembrando que um tempo histórico está diante e precisa ser

⁵⁰ Heidegger, M. *A caminho da linguagem*, p. 14.

⁵¹ Heidegger, M. Carta sobre o humanismo, p. 150.

⁵² Heidegger, M. Hölderlin y la esencia de la poesía, p. 50. A esse respeito, Heidegger afirma que o próprio ser-aí de Hölderlin se estabeleceu nesta configuração de externar uma aparência inocente e guardar dentro de si todo seu furor, como forma de auto-preservação: “O ser-aí de Hölderlin manteve esta oposição extrema entre a aparência exterior e o ser separada na sua maior tensão, e isto significa que, com a maior afectuosidade, a manteve junta e a suportou” (Heidegger, M. *Hinos de Hölderlin*, p.42)

⁵³ Heidegger, M. ...poeticamente o homem habita..., p. 167.

⁵⁴ Heidegger, M. ...poeticamente o homem habita..., p. 169.

anunciado.

Hölderlin's poetry and poetic dwelling in Heidegger

Abstract:

The encounter with Hölderlin's work for Heidegger opens a path to a radical thought about being, where the poet appears as a thinker, extinguishing the inculcated idea that the thinker is the one that deals exclusively with philosophy. Heidegger recovers that the first thinkers were poets in view of that poetry is the first manifestation of a linguistic historical people. Thus, Hölderlin is placed at the same level of great poets, because his poetry establishes the truth of being naming the inaugural poetic word.

Keywords: Poetry; Hölderlin; Heidegger.

Referências:

Heidegger, Martin. "Der Ursprung des Kunstwerkes", **In:** *Holzwege*, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1980.

_____. "A origem da obra de arte", **In:** *Caminhos de floresta*, Tradução Irene Borges-Duarte e Filipa Pedroso. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1998.

_____. "Hölderlin y la esencia de la poesía", **In:** *Aclaraciones a la poesía de Hölderlin*, Tradução Helena Cortés e Arturo Leyte. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

_____. *Hinos de Hölderlin*. Tradução Lumir Nahodil. Lisboa: Piaget, 2004.

_____. *Ser e Tempo*. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Carta sobre o humanismo, **In:** *Os pensadores*. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. A questão da técnica, **In:** *Ensaaios e conferências*. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. ...poeticamente o homem habita..., **In:** *Ensaaios e conferências*. Tradução Márcia Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Construir, habitar, pensar, **In:** *Ensaaios e conferências*. Tradução Márcia Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2003.

"Entrevista concedida por Martin Heidegger ao Professor Richard Wisser" **In:** *O que nos faz pensar*, n° 10, vol. 1. Tradução Antonio Abranches. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1996.

Gadamer, Hans Georg. *Hermenêutica em retrospectiva: Heidegger em retrospectiva*. Tradução Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.

Nietzsche, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

Dubois, Cristian. Arte, poesia e verdade, **In:** *Heidegger: introdução a uma leitura*. Tradução Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Ferreira, Iarle. A linguagem poética como dito revelador e a solicitude como agir não-metafísico, **In:** *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v.15, n. 4, p. 681 – 693, abr. 2005.

Inwood, Michael. *Dicionário Heidegger*. Tradução Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Nunes, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. *Passagem para o poético*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. Heidegger e a poesia. **In:** *Natureza humana: Revista internacional de filosofia e práticas psicoterápicas*. São Paulo, 2000.

Ramos, Samuel. Posfácio. **In:** Heidegger, Martin. *Arte y poesia*. Tradução Samuel Ramos. México: FCE, 2005.

Zimmerman, Michael E. “Hölderlin e o poder salvador da arte”. **In:** *Confronto de Heidegger com a modernidade*. Tradução João Sousa Ramos. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

_____. “Produção autêntica: a *techne* como arte do desvelamento ontológico”. **In:** *Confronto de Heidegger com a modernidade*. Tradução João Sousa Ramos. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

Werle, Marco Aurélio. *Pensamento e poesia em Hölderlin e Heidegger*. São Paulo: UNESP, 2005.